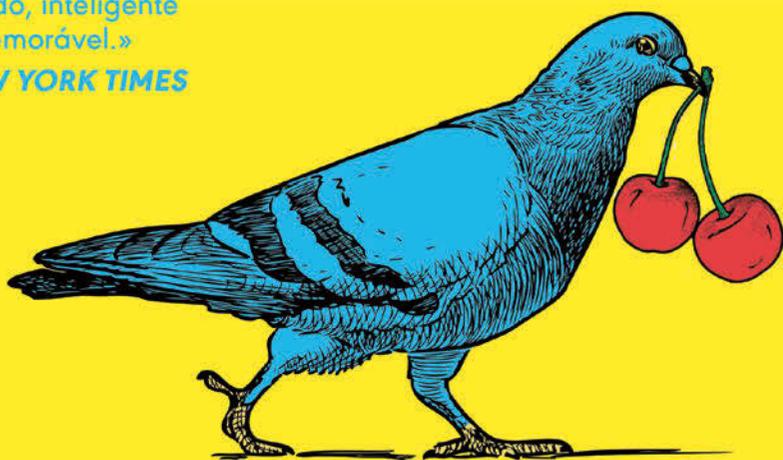


# Considera-te beijada

*romance*

«Divertido, inteligente  
e memorável.»  
THE NEW YORK TIMES



# Jessica

«Uma irresistível  
história de amor.»  
THE GUARDIAN

# Stanley

TOP  
SEL  
LER

*Para Kitten, Boppy e Nonny, com amor.*

## 2022

Ela ainda podia lavar a roupa. Não se importava de arrumar a casa. Fez a cama da filha com o edredão de verão e a manta de croché que dizia FLORENCE. Ajeitou *Catty* em cima da almofada, com as pernas compridas cruzadas, os braços de peluche abertos num abraço. O brinquedo especial de Maxi era uma ovelha; deitou-a de lado no berço. Guardou os ímanes coloridos dentro de um cesto e as peças de *Duplo* noutra. No andar de cima, fez a cama de Zora com os lençóis que tirou do estendal. Ainda estavam quentes, a cheirar a sol. O seu cérebro cansado passou em revista a sorte que tinha: uma casa, as crianças, Adam. Era sob tantos aspetos o seu sonho.

Havia algo de errado com Coralie, uma característica que a separava do mundo e dos outros: não era capaz de amar, mas também não conseguia deixar de amar. Se não amasse, era apenas meia pessoa, mas, se amasse, nunca poderia ser inteira. As mãos tremeram-lhe enquanto fazia a mala. Mãe, escritora, trabalhadora, irmã, amiga, cidadã, filha, esposa (mais ou menos). Se pudesse ser uma dessas coisas, talvez se conseguisse aguentar. Ao tentar ser todas, descobriu que não era nenhuma. Já era de noite, no pino do verão, e ainda havia luz lá fora. As gaiotas voavam e guinchavam. Coralie amava-o tanto, mais do que tudo no mundo — mas, quando Adam chegasse a casa, ela já teria ido embora.

# 1

2013

Era uma manhã de domingo de março, no fim de um dos invernos mais frios de que Londres se lembrava, e, embora estivesse completamente sozinha, Coralie Bower, com 29 anos e meio, estava tudo menos infeliz!

«Qual era o superpoder que escolherias: a invisibilidade ou seres capaz de voar?» No primeiro e único encontro que marcara por intermédio do Guardian Soulmates, tinham-lhe feito essa pergunta no Nando's. (Um agrónomo de Walthamstow, identificava-se como «do contra», ia vestido com um equipamento de ciclista completo do Tour de France e perguntou-lhe se havia universidades na Austrália. É que nem pensem, nunca mais.) A resposta era a invisibilidade, e ela tinha esse poder agora. Só fora preciso mudar-se para o outro lado do mundo.

Caminhou ao longo do canal, desviando-se das bicicletas e dos casais que por ali passeavam. Ao chegar a Victoria Park, percebeu que não tinha dito uma palavra a manhã inteira. Pigarreou algumas vezes, para aclarar a garganta. Ensaiou interiormente o pedido. «Querias um *latte*, por favor...» Disse-o em voz alta. «Querias um *latte*.» Não parecia esquisito? Era mesmo esquisito! Tinha passado o fim de semana todo a escrever, com os livros e os jornais espalhados pela casa, e esquecera-se de como existir em público. Estava tanto frio — os galgos pela trela tremiam nos seus casacos duplos. A única coisa que a fazia continuar era a ideia de café.

Na noite anterior, o *pub* da esquina tinha organizado um «evento privado» na sala que ficava colada ao quarto dela. Pelos vistos, os «eventos privados» não estavam sujeitos aos horários normais, que ela estudara minuciosamente antes de se decidir a assinar o contrato de arrendamento de um ano. Algumas semanas depois de se mudar, tinha enviado um e-mail ao senhorio a queixar-se do barulho. O *pub* era bastante visível a olho nu, respondera-lhe ele. Além disso, o incómodo tinha sido «ponderado no valor da renda». A casa custava-lhe quarenta e três por cento do salário. Ainda lhe faltavam seis meses de contrato.

Estava muito longe de ser ideal (era horrível), mas ela tinha aprendido a lição durante a época das festas de Natal: mais valia manter-se ocupada acordada do que ficar deitada na cama, sem conseguir dormir, a remoer todas as escolhas que fizera na vida. À meia-noite, já tinha pendurado a roupa lavada à mão perto do radiador. Pôs os e-mails de trabalho em dia, com as respostas gravadas nos rascunhos para enviar segunda-feira. Conseguira enfrentar finalmente as novidades meticulosamente neutras que o irmão lhe tinha dado acerca daquilo que ela supunha poder ainda chamar de «casa». *Não te preocupes, está tudo bem, podes manter-te afastada*, parecia sugerir o e-mail educado dele. *Ninguém tem saudades nem precisa de ti*. Coralie passava a vida a gerir com pinças os sentimentos dos outros; não precisava que Daniel fizesse o mesmo com ela! Tinha escrito e apagado várias respostas ofendidas antes de optar por se mostrar superior. «Estás a fazer um trabalho magnífico com a mãe», respondeu. «Aposto que ela está felicíssima por te ter aí. Por favor, vai-me mantendo informada.» A verdade era que não suportava saber.

Todos os lugares do Pavilion Café estavam ocupados, e o calor humano abafado dos amigos e famílias a rirem-se tinha embaçado as janelas e até a cúpula de vidro. («Querias um *latte*, por favor.» Até correu bastante bem, embora se tivesse visto obrigada a fazer conversa fiada quando o barista se mostrou simpático.) Levou o café para a rua e ficou à beira do lago a bebê-lo. Dali a pouco, o vento mudou, e o repuxo da fonte mudou de direção com

ele. O Sol espreitou por instantes de trás das nuvens, e o borrifo da água fez um arco-íris. Coralie enfiou a mão no bolso do sobretudo para tirar o telemóvel. Imagens como aquela costumavam arrasar no seu Instagram, e cumpriam a importante função de assegurar aos seus amigos na Austrália que ela continuava viva.

— Um arco-íris — disse um homem. — Olha, Zora, um arco-íris.

O lago, pelo menos a parte junto ao café, estava vedado com uma cerca baixa de semicírculos de ferro fundido interligados. Uma menina acelerou na sua trotineta e chocou contra a vedação.

— Um arco-íris!

A menina tinha um ar adorável, com o cabelo curto e franja, uns olhos e sobrancelhas muito escuros e sérios. Coralie olhou de relance para o homem, que parecia invejavelmente aquecido na sua camisola de lã, cachecol e casaco. Para sua grande surpresa, ele estava a observá-la, fitando-a intensamente. Será que se conheciam? Mas a grande premissa da vida de Coralie Bower era que, tirando os colegas no escritório, não conhecia absolutamente ninguém ali em Londres.

— Papá, estás a ver os patinhos?

— Sim, estou. — Disse-o num tom divertido, e, pela direção da voz, parecia que ainda estava a olhar para Coralie, embora ela tivesse virado costas para se afastar, baixando os olhos para o telemóvel, mas sem olhar para o ecrã.

— Podes dar-me um patinho?

— Posso dar-te um *croissant*, ou um *pain aux raisins*, se quiseres.

— Não quero o patinho para *comer*! — retorquiu a menina.

O homem riu-se e pegou na trotineta.

— Para que queres o patinho, então?

— Para lhe dar carinho e tomar conta dele!

Afastaram-se os dois, o homem a levar a trotineta numa mão e a menina pela outra.

Quando Coralie tinha 5 ou 6 anos, a gata dos vizinhos teve gatinhos. A gata recebia visitas como uma rainha, deitada num monte

de toalhas na lavanderia, os gatinhos espalhados à volta dela, de olhos fechados. Se Coralie pudesse, teria roubado um — queria tanto um daqueles gatinhos. Sabia exatamente o que a menina da franja estava a sentir. Pôs-se a estudar os patos, muito fofos e recém-saídos dos ovos — talvez demasiado cedo, com aquele frio. Foi também ela invadida por um desejo súbito de ficar com um patinho, embora eles já estivessem a nadar ali à volta há cinco minutos, sem que lhes tivesse prestado atenção.

Ela voltou de repente — a menina, debruçada sobre a cerca junto ao lago. Coralie olhou para as janelas do café e pensou ter visto o homem, a cabeça atirada para trás numa gargalhada. O vento voltou a mudar, e o repuxo atirou-lhe um borriço de água gelada. Coralie levantou a mão para tapar a cara. Quando a baixou, a menina estava dentro de água, de cara para baixo. *Foda-se!*

Seria uma emergência? Sim, era uma emergência. Tal como num pesadelo, ficou com a garganta apertada de medo, sem conseguir gritar por ajuda. Os segundos passaram-se numa correria horrorosa. Porque é que a menina estava tão quieta, o casaco insuflado à volta dela como um colete salva-vidas? Coralie alçou as pernas sobre a vedação, respirou fundo e saltou. A água dava-lhe pela cintura. Agarrou na menina e pô-la sobre a dobra do braço. Deu-lhe uma forte pancada no cimo das costas, entre as omoplatas. A rapariga tossiu, cuspiu a água e deu um gritinho ultrajado.

— Au!

Coralie olhou para o café. As pessoas tinham começado a sair — em silêncio e boquiabertas. Arrastou os pés na água, estendeu os braços e passou a menina por cima da cerca. Já não tinha nenhum motivo evidente para estar ali de pé, na água enregelada, e sentiu que os espectadores recém-chegados à cena estavam a olhar para ela como se fosse maluca. Lembrou-se, horrorizada, de que tinha o telemóvel no bolso, submerso. Enfim. Trepou de novo para a margem, equilibrou-se e avançou desengonçada para terra firme.

A menina estava pálida com o choque. Coralie agachou-se e esfregou-lhe as costas.

— Querias ir ver os patinhos?

A menina assentiu. Tinha a testa esfolada por baixo da franja, de ter batido com a cabeça quando caiu. Vieram-lhe lágrimas aos olhos. Começou a chorar.

Havia pessoas à volta delas. Uma mulher tirou o casaco e pô-lo sobre os ombros da menina. Criou-se um tom acusatório no burburinho da multidão, como se alguém, provavelmente Coralie, tivesse sido negligente, e, agora que o perigo tinha passado, fosse a altura de atribuir culpas.

— Vou só chamar o pai dela — disse Coralie para ninguém em particular. No entanto, enquanto se arrastava em direção ao café com as calças de ganga e as botas encharcadas, o homem apareceu com um copo grande numa mão e um copo pequeno na outra. Quando viu o ajuntamento à beira da água, largou os copos em cima de um banco e desatou a correr.

— Zora! — Pôs-se de cócoras e pegou na filha ao colo. Com o abraço, a água esguichou-lhe do casaco e pingou para o chão. Ele falou-lhe baixinho ao ouvido. Encostou a bochecha à dela. Por instantes, voltou a fixar os olhos em Coralie, mas o círculo de mirones apertou-se, a oferecer camisolas, cachecóis, boleias para casa. O homem e a filha desapareceram de vista. Coralie começou a andar o mais normalmente possível, para ninguém reparar nela, e pôs-se a caminho de casa, a tremer de frio e em pânico perante a perspetiva de parasitas do lago. Mas uma coisa tinha mudado. Já não era invisível. O homem tinha-a visto, e ela tinha-o visto a ele.

\*

«Se não conseguirem escrever, podem sempre trabalhar.» Era esse o conselho de um autor que ela tinha ouvido num *podcast* já esquecido. Uma semana após o incidente no lago, passou o fim de semana inteiro a organizar as notas que tinha feito para o seu projeto, espalhadas em vários e-mails para si própria, em recibos e pedaços de papel, ou nos seus cadernos. O que *estava* ela a escrever, na verdade? (A sua amiga de infância, Elspeth, perguntara-lho

delicadamente num e-mail.) Não era lá muito claro, nem sequer para si própria. Tinha que ver com a distância que a separava de casa, com o passado longínquo, que era decididamente «o passado» — em contraponto com o futuro ali, uma página em branco e desconhecida —, sem ninguém por perto para a ver tentar, e provavelmente falhar, pôr as palavras no papel e mantê-las aí. Não havia nenhum acontecimento concreto nas suas notas, nem pessoas reais — não era um livro de memórias. Eram antes sentimentos que ela não conseguia explicar. Ou coisas que tinha feito e que não compreendia. Na ausência de informação fresca, deu por si a começar a inventar. Isso era algo novo — parecia quase escrever a sério. Ao início da tarde de domingo, estava tanto frio e tão escuro que ela não se sentiu com coragem de ir beber café muito longe. Fechou a porta de casa e atravessou a rua até ao Climpsons, um pequeno estabelecimento com bancos de madeira toscos e bom café.

— É ela? — ouviu enquanto pedia. — É ela!

Era o homem do parque. Levantou-se do lugar à janela.

— É você!

Coralie fez um aceno à menina ao lado dele.

— És tu!

A menina retribuiu-lhe o aceno, a baloiçar as pernas no banco.

O homem aproximou-se. Coralie perguntou-se fugazmente se ele iria abraçá-la, apertar-lhe a mão, ou mesmo, durante uma fração de segundo, beijá-la — e ele pareceu contemplar todas as três hipóteses. Pôs-se à frente dela de braços abertos. Era da sua altura (ou seja, não muito alto). Fitaram-se mutuamente.

— Nem acredito que fugiu de lá a correr — disse ele finalmente.

— Eu não fugi *a correr!* — respondeu Coralie. — Digamos que me fui embora a chapinhar.

— A Zora diz que foi você que a salvou. — Virou-se para a filha. — Não foi?

Zora, que estava ocupada a comer açúcar do açucareiro, não respondeu.

— Humm! — disse o homem. — Muito saudável.

Riram-se os dois, sorriram, e ficaram calados por instantes.

— Quer dizer que ela está bem?

— Está ótima! Ainda pensei que fosse ficar traumatizada para sempre, com medo de patos e da água, mas não, tudo normal, toma banho sem problemas, a fazer quá-quá... Está ótima! Graças a si — acrescentou, subitamente mais sério.

Ela fez um aceno com a mão.

— Oh, céus, não foi nada de especial.

— A água devia estar gelada.

Estava *mesmo*. E teve de comprar um telemóvel novo, e o sobretudo bom ficara estragado, a lã cheia de borbotos e amarfanhada.

— Não custou nada, adorei a experiência. Só... *dei um salto* muito elegante, como Mr. Darcy a mergulhar no seu lago.

— As pessoas costumam dizer que *eu* sou muito parecido com o Colin Firth quando era mais novo. — Rodou a cara para a ajudar a ver, e ela percebeu imediatamente que sim, mas o que estaria ele à espera? De que ela concordasse?

— O Colin Firth tem um metro e oitenta e sete. — *Ao contrário de si*, absteve-se de acrescentar.

Ele riu-se, sem se mostrar ofendido.

— Não me diga que escreveu a página dele na Wikipédia.

— É possível que sim.

Ela esperou que ele acrescentasse que ela era muito parecida com a Lizzy Bennett, um facto perfeitamente aceite na escola e algo de que ela, durante um breve período, gostara em si própria.

Em vez disso, ele franziu o sobrolho outra vez.

— Não, a sério. Você foi tão corajosa, e agiu tão depressa. Ela bateu com a cabeça com força. Podia ter-se afogado! Houve pelo menos umas quarenta senhoras com cães que me pregaram um raspanete.

— Não sei como é que aconteceu. Ela estava do lado de cá da cerca e de repente apareceu do outro lado.

— Deve ter dado uma cambalhota sobre a cerca, assim... — Exemplificou o movimento, dobrando-se pela cintura.

— Papá! — gritou Zora do seu lugar à janela. — Para de contar essa história!

O homem desculpou-se com uma careta. Olhou novamente para Coralie e respirou fundo, como que a preparar-se para lhe pedir qualquer coisa — o quê? Ela foi atacada pelo horror súbito de que fosse fazer *babysitting*. Hackney estava cheia de jovens amas australianas a empurrar carrinhos de bebé e pedir *babyccinos*.

— *Latte!* — chamou o barista.

— Ah, sou eu.

Ter-se-ia ela sentado com eles se a convidassem? Achou que sim, muito provavelmente, mas já tinha o copo descartável na mão. Já se estava a dirigir para a porta. Era tarde de mais. De qualquer maneira, os pensamentos dela tinham ficado à espera em casa, espalhados por todo o lado. Era melhor ir andando.

— Sente-se aqui connosco — disse o homem.

— Oh, não posso. Tenho de... — Acenou em direção à porta.  
— Obrigada, desculpem, gostei de vos ver!

— Neve! — exclamou alguém.

— Neve, papá! Papá! Neve!

Coralie virou-se. Estava toda a gente a olhar para a rua. A neve tinha começado a cair com força; cada um dos flocos parecia suspenso no ar. Coralie abriu a porta do café. A meio de Broadway Market, desejou não ter saído. O que estava a fazer? Era completamente tresloucado e perverso, um gesto masoquista — abandonar uma conversa calorosa num sítio aconchegante com um Colin Firth mais novo (ainda que mais baixo)! Por outro lado, ele tinha uma filha, o que sugeria a existência de uma mãe algures. Além disso, ela tinha perdido o treino de fazer conversa.

Devia parecer maluca, agora, parada no meio da rua, debaixo da neve. Estaria ele a observá-la? Estava mesmo, e fez-lhe um breve (talvez desconsolado?) aceno de adeus. Coralie sorriu. Ele também lhe sorriu. Quando abriu a porta do prédio, ela virou-se para olhar uma última vez. O homem tinha os braços à volta da filha e o queixo pousado na cabeça dela. Coralie acenou, e eles acenaram-lhe os dois de volta.

\*

A conversa de circunstância no escritório acerca dos planos para a Páscoa já ia a todo o vapor. Ela ainda pensou em marcar alguma escapadela algures, só para ter o que contar, mas o tempo estava tão mau há tanto tempo que até os ingleses concordavam que estava péssimo. Não era uma perspetiva entusiasmante, ficar presa numa pensão enquanto não parava de nevar lá fora. Na quinta-feira, a muito severa e portentosa diretora criativa da agência, Antoinette, não apareceu no escritório. Às três e meia, Coralie e Stefan deram por si a emborcar copos no Coach and Horses.

Quando fora transferida para Londres dos escritórios de Sydney, em setembro, Coralie tinha sido informalmente emparelhada com Stefan para constituírem uma dupla criativa. Gostaram logo um do outro, e davam-se bem, mas só se tornaram próximos algumas semanas depois, quando Stefan acordou uma bela manhã e descobriu que o namorado o tinha abandonado durante a noite sem dizer nada. Marcus deixou de responder aos telefonemas e e-mails. Passado uma semana, Stefan estava tão desvairado que avisou a polícia. Nessa altura, Marcus enviou-lhe uma mensagem: «Ainda estou vivo, Stefan.» «Mas eu não», soluçou Stefan, sentado à secretária, enquanto Coralie pesquisava *links* na *Psychology Today* acerca de personalidades evasivas e narcisismo tóxico. A mãe dele marcou-lhe viagem atrás de viagem para Nuremberga, mas ele recusava-se a sair de casa ao fim de semana, não fosse Marcus mudar de ideias. Ficou tão magro que chegaram a oferecer-lhe o lugar numa carruagem de metro a caminho do trabalho. Estava tão fraco e destroçado que o aceitou.

A escalpelização da «questão Marcus» acabou por se tornar a base da amizade entre Coralie e Stefan. Depois, tão subitamente e sem explicações como antes, Marcus pediu para voltar para casa. Stefan ficou mais feliz, e Coralie estava satisfeita por ele, mas teve alguma dificuldade em aceitar a rapidez daquela nova reviravolta na vida do amigo e — mais egoisticamente — o fim repentino da crise que os tinha unido. Agora, mesmo enquanto falavam de

programas de televisão e faziam troça dos colegas, ela conseguia sentir a atração gravítica que o puxava para Marcus, que não tardaria a sair do trabalho numa agência rival do Soho.

Stefan debruçou-se para a frente: gregário, tímido, já sem o coração partido, as olheiras desaparecidas, o cabelo louro outra vez brilhante.

— A propósito: é mesmo verdade, aquilo do chefe de Sydney? O Richard?

Ela pensava que tinha conseguido fugir a essa parte da vida.

— Há tantas histórias acerca dele. — Sentiu o pânico a invadi-la. — Estás a falar de quê?

— O apelido dele, Pickard. Nunca ninguém aproveitou para lhe chamar Dick Pic?

— Não! — Ela deu uma gargalhada de surpresa e alívio. — Pelo menos não na cara dele.

— Parece-me um desperdício de uma bela oportunidade.

— Pois é — admitiu Coralie. — Se bem que, agora que falas nisso...

Mas o telefone de Stefan iluminou-se, e a ocasião de fazer confidências perdeu-se.

Ela recusou o convite do amigo para ir jantar e beber copos com eles. Ao caminhar de Clerkenwell até casa, tinha o corpo em Londres, mas o espírito na sua terra, a visitar o passado, os seus falhanços, o exílio, a infelicidade, que estavam espalhados pelo apartamento sob a forma de notas, rascunhos e perguntas. O trabalho dela estava a compor-se. Mal podia esperar por voltar às suas páginas.

Quando chegou a Broadway Market, no entanto, viu que o *pub* da porta ao lado estava a ter uma festa. As pessoas espalhavam-se até à rua, a caírem nos braços umas das outras e aos gritos. Lá dentro, a música ribombava, ignorada por toda a gente, apreciada por ninguém, a destruir a saúde mental de Coralie, o seu sono e a sua vida! O estado de espírito que tanto lhe custara a criar, o ímpeto que desenvolvera a pulso, a vontade de se fazer compreendida e conhecida — desvaneceu-se tudo como uma

nuvem de fumo passivo. Ela gostava de Londres e da sua vida ali, sabia que estava apenas no início e que as coisas só podiam tornar-se melhores e mais profundas. Mas também podia perfeitamente (e sentia-o muito intensamente agora, no seu apartamento minúsculo, a ouvir a música dos outros) desaparecer ali mesmo — evaporar-se, simplesmente! E ninguém se iria importar.

\*

Quando acordou no dia seguinte, já tarde, a ligação à escrita continuava morta. Fez uma sopa de lentilhas para levar para o trabalho durante a semana. Espalhou bicarbonato de sódio na bancada e esfregou-a até ficar impecável. Tirou a grelha do respiradouro da casa de banho sem janela e aspirou-a. Arrumou os papéis em montinhos. A meio da tarde, sentia-se exausta, com fome e esmagada por uma vozinha crítica no seu íntimo que não parava de lhe dizer, com alguma razão, que tinha desperdiçado o dia inteiro. Enfiou o caderno num saco de pano, atravessou o mercado e pediu uma dose de *fish and chips* no Dove.

Com um copo de vinho na mão, fugiu à confusão do salão principal para se ir recolher numa das salinhas laterais mais reservadas. Sentado numa das mesas, com um monte de jornais abertos e espalhados à sua frente, estava o homem.

No meio do rebuliço e da multidão que enchia o *pub*, ela achou que era seguro ficar ali a observá-lo um bocado. Junto ao lago, tinha ficado espantada com a maneira como ele a fitara. No Climpsons — ou mais exatamente depois, já na privacidade de casa, sob a forma de um e-mail dirigido a Elspeth —, tinha meditado naqueles olhos castanhos, no cabelo castanho, no sorriso. Enquanto ele olhava para baixo, a ler os jornais, pôde estudar-lhe o perfil. Tinha um grande nariz e um queixo quadrado bonito. Não fora isso que enlouquecera Sylvia Plath a ponto de ela morder a bochecha de Ted Hughes? O copo tremeu-lhe na mão. Voltou para trás, para escolher outro sítio.

As profundezas do *pub*, junto às casas de banho, eram demasiado escuras e atravancadas para Coralie poder tirar o caderno

e escrever. No banco ao seu lado, um pequeno galgo italiano pôs-se a contemplar o prato dela com um ar pesaroso. «Os cães podem comer *fish and chips*?», escreveu Coralie no telemóvel. «Se alimentar o seu cão com comida humana, como *fish and chips*, ele poderá ficar com um défice de um dos quarenta e um nutrientes fundamentais para a saúde canina.» Quarenta e um? Ela admirou, de um ponto de vista profissional, a maneira como aquele facto desprovido de fontes acrescentava um peso de autoridade ao anúncio de um fabricante de comida para animais.

— Desculpa, não posso. Não me odeies — disse Coralie para o galgo. Ele virou-lhe as costas e pousou a pequenina cabeça no colo do dono.

— Acho que também partiu o coração ao pobre do cãozinho — disse um homem. O homem. — É mesmo verdade que o Colin Firth tem dois metros de altura?

— Um e oitenta e sete — respondeu ela. — E lamento imenso, mas a Elspeth, a minha melhor amiga da escola, já era muito alta quando vimos o *Orgulho e Preconceito*. Estudámos o assunto a fundo.

— Para ver se ele era um pretendente adequado?

Coralie assentiu.

— Na verdade, eu sou um centímetro mais alto do que a média dos homens britânicos — disse ele. — E tenho uma mesa muito agradável lá em cima. — Coralie riu-se. — Se a sua amiga da escola me quiser fazer companhia. — Ela voltou a rir-se. — Não, agora a sério. Se você me quiser fazer companhia.

Ela aceitou.

\*

Foi quase cómico, ser arrancada ao seu lugar muito apertado junto às casas de banho para se ver instalada numa das mais cobiçadas mesas de jantar do *pub*, perto da lareira. Ele chamava-se Adam; isso ela já sabia. Com o agrónomo de Walthamstow, tinha-se sentido como um robô programado para conduzir uma conversa educada numa língua que mal compreendia. Com Adam, foi *divertido*.

— Então, porque é que deixaste a Austrália para vir para cá?

— Oh! — Ela fez um encolher de ombros interminável.

— Não me digas que perdeste o juízo?

— Provavelmente!

— Pronto, está bem. Se não me queres dizer porquê, então quando?

— Quando é que me mudei? Logo a seguir aos Jogos Olímpicos.

— Estou a ver. Esperaste que Londres voltasse a ser suportável. Alguns de nós tivemos de aturar a cidade o tempo inteiro. E o que é que fazes na vida? Se é que posso...

— Seca!

— Seca! Desculpa! Tens razão. É uma pergunta um bocado desengraçada.

— Não tem mal nenhum perguntar, a resposta é que é uma seca. Basicamente, sou *copywriter*.

Ele apoiou o queixo nas mãos e disse, a gozar:

— Que interessante! — Riram-se os dois. — Mas não tens saudades de casa? Onde foi que cresceste?

— Sobretudo em Canberra. Que é... — *A capital do país*, esteve quase a acrescentar.

Mas Adam sabia isso, tinha lá estado, e gostara imenso.

— Foi há que séculos... Uns nove anos? Eu estava a escrever um perfil do líder trabalhista australiano na altura, o Mark Latham. Pensávamos que ele era uma espécie de herdeiro do Blair, da Terceira Via, essas coisas.

— Ena... — Coralie lembrava-se vagamente de Mark Latham. — Nem acredito que lá estiveste!

Se tinha saudades de casa? Ia tentar escapar-se à pergunta. Não sabia a resposta.

Era a vez dela. Adam tinha 37 anos. Era jornalista.

— Espera — pediu ela. — Quando me disseres para onde escreves, por favor não fiques ofendido se eu não conhecer. Até pode ser que sim! Ou pode ser que não. Só cá estou há uns meses...

— Não deves conhecer — disse ele. — Já ouviste falar na *New Statesman*?

— Oh, claro que sim!

— Então, pronto: não é para aí. — Riram-se os dois. Parecia que não conseguiam parar de rir. Era isso que faltava na vida dela: brincadeiras! Fazê-las, ouvi-las. — Não, eu escrevo para uma sucedânea moderna, a *Young Country*. Nunca ouviste falar? Não há problema. Foi fundada em 1996, pouco antes de eu sair da universidade, por um multimultimilionário com uma fortuna obscena. Charlie Tuck? Charles, Lorde Tuck? O nome também não te diz nada, não é? Foi logo a seguir à vitória do Blair. Tony Blair? Sim?

Riram-se outra vez, porque é claro que ela já tinha ouvido falar em Tony Blair — na *Cool Britannia*, ou lá como era, e no Iraque.

— O nome da revista foi tirado de um discurso do Blair, aliás. — Subitamente, Adam encarnou a sua personagem, os olhos cintilantes a fixarem-se num ponto atrás dela, a voz fremente de paixão. — Quero que sejamos outra vez um jovem país, com um objetivo partilhado, um conjunto de ideais que acarinhámos e pelos quais nos batemos, sem repousarmos sobre as glórias passadas, ou sem travarmos batalhas perdidas enquanto nos refastelamos no sofá, de mão na boca, a esconder um bocejo de cinismo, mas preparados para os novos desafios! Um país ambicioso! Idealista! Unido! Quero que deixemos de dizer: «*Fomos* um grande país.» — Ergueu os punhos. — E sim: «A Grã-Bretanha pode e vai ser. Um grande país! Outra vez!»

— Ena. Muito intenso. Tony, és tu?

Adam não se deixou desanimar pelo cabelo desgrenhado e pela camisola de malha. Estava a representar — para ela.

— Deve ser a minha melhor imitação — disse ele. — Não sou capaz de fazer sotaques, o que me limita um bocado. Mas sim, deixei escapar todos os estágios bons, como o *The Times*, e fui rejeitado no esquema de progressão rápida do serviço civil, e, obviamente, não podia aceitar uma progressão lenta. — Fez um ar consternado. — E, portanto, tive imensa sorte de ser contratado pela YC. Não como repórter, na altura, mas como pau para toda a obra.

— Como a Bridget Jones — disse Coralie, com um ar compreensivo. — A martelar comunicados de imprensa.

— Na minha minissaia, pois. A Bridget Jones saiu nesse ano! O livro, quero eu dizer. Toda a gente falava como ela: MB. Muito bem. Bons tempos. Agora escrevo para a *Young Country* e apresento o *podcast* galardoado da revista, que também se chama *Young Country* e costuma estar no *top* doze ou quinze da secção de notícias do *iTunes* no Reino Unido, e faço uns trabalhos como *freelancer* noutros sítios, além de... — tossiu modestamente — um bocadinho de rádio, às vezes.

— Ena! — Coralie deu-lhe a resposta que ele claramente ansiava. — MB!

Adam tinha imensa sorte de gostar do seu trabalho. Ela não seria capaz de conjurar uma única anedota do seu, a não ser talvez a ocasião em que perguntara quantas pessoas trabalhavam no escritório. Stefan respondera, de maneira tão seca que ela demorara a perceber a piada: «Meia.»

— O mesmo? E apetece-te uma dose de batatas fritas?

OQFUF — o que faria uma feminista? Em bom rigor, era a vez dela de pagar aquela rodada, mas, embora não lhe passasse pela cabeça queixar-se, o *iPhone* manhoso em segunda mão tinha-lhe custado trezentas libras.

— Sim, o mesmo — disse ela. — Obrigada!

Quando Adam se voltou a sentar, Coralie perguntou-lhe por Zora. Ele inclinou-se para a frente: era absolutamente perfeita, disse. Hilariante, talvez uma poetisa, e de certeza um génio. Houve um apagão no bairro certo dia, e Zora disse uma coisa fantástica acerca da lanterna que Adam tinha usado: «Afastou-nos o escuro da frente.» Tinha 3 anos, na altura. Não era magnífico? Coralie concordou, com sinceridade. Agora já tinha quase 5, e estava na Receção — que devia ser o equivalente à Pré, deduziu Coralie. A sala dela na escola tinha um quadro de comportamento gigante, e os alunos precisavam de ter todos uma «carinha sorridente». Ela portava-se sempre tão bem que a simples ideia de ter uma «cara triste» a fazia chorar. Adam abanou a cabeça.

— Já imaginaste a pressão? Aqui há tempos, eu e a Marina tivemos de ir à escola. A Marina é a mãe da Zora. — Coralie teve um brevíssimo relampejo dele a acrescentar: «a minha mulher». Susteve a respiração. — A minha ex — disse ele. Coralie inclinou sobriamente a cabeça. — Acho que a Marina queria arrancar a porcaria do quadro, metê-los em tribunal pelo stress que causaram à Zora, tirá-la de lá para sempre e metê-la numa daquelas escolas da floresta. A minha abordagem era mais: megaofensiva de charme. Talvez pudéssemos só pedir à professora que ela dissesse à Zora que era a melhor menina de sempre?

— O que foi que a professora disse?

— Estávamos sentados numas cadeiras muito pequeninas no fundo da sala. Começámos a despejar os nossos discursos, e a professora levantou as mãos. «Eu conheço estas miúdas», disse ela. «São todas umas perfeccionistas. Quando chegarem ao secundário, vai ser só notas altas, aulas de violino e piano, distúrbios alimentares, vergonha, ansiedade e depressão. Se a Zora alguma vez vos der uma resposta torta, ou puser um pé fora da linha, deviam fazer uma festa.»

Coralie sentiu um arrepio no braço. Até dois anos antes, ela também nunca tinha pisado fora da linha.

— É, não é? Eu *sei* — disse Adam, embora claramente não fizesse ideia.

— E com quem é que ela vive? Com os dois?

— Sim, com os dois. Mas separados, obviamente. Costumávamos ter uma ama, para ela poder ficar uma semana em casa de um e depois trocar, mas agora, por causa da escola, ela passa a semana em casa da Marina, em Camden.

— E isso... não é tão bom como antes?

— É igualmente mau para os dois, para mim e para a Marina, por razões diferentes. Eu odeio perder a hora de deitar. A Marina acha que assim perde a diversão toda. Mas vamos tentando fazer com que funcione.

— O que é que a Zora vai fazer este fim de semana grande?

— O namorado da Marina, o Tom, é todo *família, família, família*. Foram os três passar a Páscoa com os pais dele.

— E tu não és todo *família, família*? — Era uma pergunta óbvia, mas ao mesmo tempo perigosa. E se ele dissesse que não?

— A minha mãe e a pessoa com quem ela vive não costumam vir a Londres. — Ele calou-se um segundo. — E o meu pai morreu quando eu tinha 18 anos.

Coralie sabia, por experiência própria, porque é que ele tinha feito aquela pausa. A morte, como as doenças terminais, era um verdadeiro assassino de conversas.

— Tão novo, que horror. — Ela tentou mudar de assunto o mais naturalmente que conseguiu. — E tens irmãos?

— Não — disse ele, com uma expressão de alívio. — E tu?

— Tenho um irmão, o Daniel.

— Mais novo ou mais velho?

— Só tem 25 anos. — Coralie imaginou-o no hospital, a ir buscar a mãe, quase a tremer com o peso da responsabilidade.

— E tu tens...

— Faço 30 em setembro.

— Certo, 30! — Adam pareceu aliviado; isso fê-la gostar dele. — Mas tu e o teu irmão são chegados?

— De certa forma. Quer dizer, eu adoro-o, como pessoa. Mas o meu pai estava no exército e foi colocado na Indonésia quando eu entrei para o 7.º ano, de maneira que fiquei num colégio interno em Canberra e o Daniel foi com os meus pais para Jacarta. Eu praticamente não o via. Tivemos infâncias completamente separadas.

— Que cena — disse Adam.

— Eu sei! O meu próprio irmão!

— Não, não é isso. Que cena porque o meu pai também foi colocado em Singapura e eu andei num colégio interno! Mas aqui, em Inglaterra. Desde os 11 anos.

— Dos 11! Tal como eu!

— O meu era só semi-interno. Eu podia sair aos fins de semana. Se calhar é por isso que pareço uma pessoa mais normal e adaptada do que tu.

— Mas andaste num colégio interno uma década antes de mim...

— Uma década!

— A saúde mental ainda nem sequer tinha sido inventada.

— É verdade. Infelizmente.

— Agora 11 anos parece-me uma idade tão jovem.

— Pois parece — disse Adam. — Eu ainda chuchava no dedo. E tinha dois tigres de peluche da loja de lembranças do Jardim Zoológico de Singapura. Já estavam um bocado carecas de dormirem na minha cama desde que eu era pequeno. Todas as noites, eu ficava à espera de que os outros rapazes adormecessem para poder pegar nos meus tigres e cheirá-los, fazer-lhes festas nas peladas e chuchar um bocado no dedo.

— Ainda fazes isso? Quando vais para cama?

— Seria bem capaz disso! Ia adorar. Mas aconteceu uma coisa horrível. Quando os meus pais se separaram, a minha mãe mudou-se para cá, para vir viver comigo. O meu pai ficou lá, e eu passava umas férias por ano com ele. Nas últimas, quando eu estava a acabar o liceu, antes de o meu pai morrer, ele deu-me uma mochila enorme como prenda de Natal. Tinha uma bolsa mais pequena que se prendia atrás, como uma espécie de lancheira. E eu guardei os tigres lá dentro.

— Como é que se chamavam?

— *Tigey* e *Cuddles*.

Riram-se os dois.

— É a pior história que já ouvi — disse Coralie. — É a história mais triste e dolorosa de sempre. Acho que não quero saber o que aconteceu a seguir.

— Quando cheguei a Heathrow, a bolsa tinha-se desprendido e caído. Perdi-os.

— Que coisa horrível. Então, e o polegar? Esse, ainda o tens. Olharam ambos para o polegar dele.

— Mas não serve de nada sozinho. Não sem lhes poder afa-  
gar as peladas ou cheirar as orelhas. Tu sabes, a experiência completa.

Então, ele era só um centímetro mais alto do que a média dos homens britânicos (e estava em paz com isso). Era divorciado (e estava em paz com isso). Estava fora do *top* dez de uma categoria qualquer obscura no *iTunes* (e estava em paz com isso). E chuchava no dedo. Coralie empurrou o copo de vinho para o lado. Pousou a palma da mão sobre a mesa, ao lado da dele. Adam esticou a mão e tocou na dela. Os dedos deles entrelaçaram-se. Fitaram-se mutuamente. As pupilas dele eram muito grandes e pretas. Ela desejou saber desenhar. Adoraria desenhar-lhe a cara. Pouco depois, ele mudou de lugar, para o lado dela. Inclinarão-se os dois, e ela achou, por instantes, que ia tropeçar e cair *para dentro* dele, e que se iam fundir num só. Beijaram-se.

— Ena — disse Adam.

— Ena!

— Se o *Tigey* e o *Cuddles* me pudessem ver agora!

## 2

Ela parou à porta do *pub*.

— Meu Deus, porque é que está tanto frio? Para que lado vais?

— Eu moro em Wilton Way, depois do parque. E tu? Era a tua casa, junto ao Cat and Mutton?

— Não digas a nenhum assassino, mas sim. — Começaram a andar na mesma direção. — Tem sido horrível, por acaso — deu ela por si a dizer. — Achei que os *pubs* britânicos eram obrigados a fechar às onze da noite, mas ontem não consegui dormir até à uma por causa do barulho. Mal posso esperar por chegar a casa e ir para a cama.

Ela sabia que, se ficassem sozinhos nalgum sítio privado, aquele jogo chegaria ao fim num instante. Não era que tivesse nenhuma regra, nem medo de nunca mais o ver se fossem para a cama. Era mais querer que a conversa e os risos continuassem para sempre. Além disso, estava ansiosa por ficar sozinha, para pegar nas recordações daquela longa tarde e noite que passaram juntos e analisá-las de todos os ângulos. Seria capaz de ficar dias a fio a pensar naquelas horas. Semanas. Não disse nada daquilo em voz alta, mas viu-o a encará-la, a compreender e a aceitar.

Caminharam lado a lado, os ombros a tocarem-se. Quando se aproximaram de casa dela, Adam soltou um grunhido. Havia um quadro de ardósia no passeio à entrada.

SEXTA-FEIRA SANTA?  
SEXTA-FEIRA ENDIABRADA!  
MÚSICA ATÉ DE MADRUGADA.

Viraram-se um para o outro. Ela conseguia ver o bafo da respiração deles no ar frio.

— Porque é que não dormes em minha casa?

Ela inspecionou-o cautelosamente.

— E onde é que tu dormes?

— Hum... Em tua casa? O barulho não me incomoda.

— Eu nem sequer sei o teu apelido!

— Whiteman. Não o Adam John Whiteman que matou a avó. Chamo-me Adam *Alexander* Whiteman. Para o caso de me ires pesquisar no Google. Precisas de alguma coisa antes de eu te deixar em minha casa? Escova de dentes?

— Deixares-me em tua casa?

— Ah, soa assim tão mal? Tens medo de que seja um estratagemma? Primeiro atraio-te até lá e depois...

— Depois afinal és o Adam John Whiteman.

— Ah! Isto é como aquele problema. A raposa, a galinha e o saco de milho. Têm de ir os três para o outro lado do rio. Só há uma jangada. — Ele fechou os olhos. Tinha uma cara mesmo bonita. — Já sei. Tu vais a casa, buscar o que precisares, e deixas a porta encostada para eu depois poder entrar. Ficas com as tuas chaves. Eu dou-te as minhas, que são as únicas que tenho. Tu vais até minha casa... tomas um belo banho e dormes um bom sono...

— Um banho — disse ela, quase num tom de luxúria.

— Um banho. E vê só: eu tenho uma cama extra. Por acaso não está feita, mas há lençóis no armário junto à casa de banho. Que tem, não sei se já disse, uma banheira.

— E de manhã, se sobreviveres, encontramos-nos no Climpsons. — Ela acenou para o outro lado da rua. — E voltamos a trocar de casa.

— Perfeito. Só preciso de uma coisa: dá-me o teu número. Melhor ainda. — Ele tirou o telemóvel do bolso do casaco. — Liga

para o teu número do meu. — A imagem do ecrã era uma fotografia dele e da filha, de olhos semicerrados, banhados de sol. — Vou só ali ao Sultan comprar uma escova de dentes — acrescentou. — Pode ser?

— Pode ser!

— Até já!

— Até já!

\*

Lá em cima, ela reuniu as coisas de que precisava. Observou o apartamento com os seus próprios olhos, e depois com os dele. O senhorio tinha eliminado todo e qualquer traço de época da casa vitoriana. Até a lareira tinha sido emparedada, a grelha de ferro removida. Achou que pareceria mais descontraída e mais fixe se não estivesse tudo tão imaculadamente limpo, mas também seria artificial encenar o contrário. Os papéis tinham de desaparecer, os cadernos e os rascunhos do manuscrito que imprimira no trabalho. Juntou-os todos, levantou as almofadas do sofá e escondeu-os de vista.

Ao sair, deixou a porta entreaberta com a ajuda do *The Long View*, de Elizabeth Jane Howard, mas virou-se para trás de repente, voltou a entrar e correu até à janela da rua. Lá fora, viu um táxi a parar, despejando mais alguns foliões. Não havia sinal de Adam. Quem era ele, afinal? Uma coisa era a história da raposa, da galinha e do saco de milho, mas e se tudo aquilo fosse mais como o escorpião e a rã? O escorpião pede à rã que o ajude a atravessar o rio. «Porque é que eu havia de te picar? Assim, afogávamo-nos os dois.» A rã acredita nele, e o escorpião trepa-lhe para as costas. A meio do rio, o escorpião dá uma ferroada à rã. «Porquê?», soluç a rã. «É a minha natureza», diz o escorpião. As pessoas fazem mal umas às outras. As coisas más acontecem, sem que haja nenhuma razão especial.

A música do *pub* estava tão alta que a chaminé abanou. Caíram alguns bocados de estuque nos livros que ela tinha amontoado

ali em baixo. Coralie fechou os olhos, a sentir-se sozinha e no inferno.

Quando espreitou novamente pela janela, ele estava ali.

\*

A meio do parque, Coralie pegou no telemóvel novo com o objetivo de pesquisar «Adam Whiteman jornalista». O ecrã iluminou-se com uma chamada.

— Está demasiado barulho? — perguntou ela. — Queres que eu volte para trás?

— Oh, Deus, nada disso. Quase não se ouve nada.

— Eu estou a ouvir ao telefone!

— Só tenho algumas perguntas — disse ele. — Se não te importares, claro.

— Força.

— Posso comer dois destes ovos e... — Ela ouviu o amarfanhar de papel e dois estalidos. — Este naco muitíssimo apetitoso de pão duro como pedra?

— Claro!

— Mais perguntas. — Em casa dela, a cozinha ficava ao fundo da modesta sala de estar. Ela conseguiu senti-lo a virar-se para a lareira emparedada na outra ponta. As duas janelas estreitas que davam para Broadway Market ficavam à esquerda dele, e, por baixo, o sofá que escondia agora o trabalho (também modesto) da vida dela. À direita ficava a mesa com as duas cadeiras, e a porta que levava ao corredor exíguo, à pequena casa de banho e ao quarto. Ela nunca se tinha sentado à mesa com ninguém em todos os seus sete meses de Londres. — Os livros — disse ele. — Nunca ouviste falar em prateleiras?

— Não — respondeu ela num tom espantado. — Adorava que me explicasses o que são.

Estava a sorrir, e percebeu que ele também.

— As pilhas dos livros têm algum tipo de organização?

— Mais ou menos. Consegues perceber qual é?

— Deixa-me primeiro pôr a água a ferver para os ovos. Já vou decifrar o código. Onde estás? Tens a mão fria de segurar no telefone?

— Estou no Lido, a passar em frente à escola. Estou a ir bem? Não posso olhar para o Google Maps enquanto estou a falar contigo.

— Continua até chegares à loja de Greenwood Road e ao Spurstowe. Vira à esquerda e passa pela Violet, a pastelaria. Se chegares ao próximo *pub*, quer dizer que já andaste demasiado.

— Porque é que foste ao Dove, se vives tão perto de dois *pubs*?

— São três, na verdade. — Ela ouviu-o pousar a panela no fogão. — Pronto, vamos lá ver. Temos aqui Virginia Woolf. Jean Rhys. Duas Elizabeths, a Bowen e a Taylor. Barbara Pym. Iris Murdoch. A. S. Byatt. Sabes como é que os filhos da A. S. Byatt a tratavam? Vinha no *Guardian* aqui há tempos.

— Mãe? Mamã? Antonia?

— Chamavam-lhe A. S. Byatt. Aqueles livros de lombada verde escritos por mulheres. As Mitfords. Quem é a Helen Garner?

Coralie deu um gritinho abafado.

— Estamos a ficar mais modernos — continuou Adam. — Ali Smith, Monica Ali... Eu entrevistei-a no *podcast*! Zadie Smith... Um amigo meu andou na marmelada com ela na universidade. Alegadamente. Um monte de americanas de seguida. Ena, são todas mulheres, não é? Não, espera aí. *The Line of Beauty*. *A Single Man*. *Maurice*. Isto é uma pilha de autores gay?

— É uma pilha de autores gay!

— Estou a ver. Gajas e gays.

— É isso! Nada de homens hétero.

— Trouxeste estes livros todos da Austrália? Não te custou uma fortuna?

— Bem... — Ela suspirou. — É uma longa história. Estou à porta da loja. Há alguma coisa que se coma em tua casa?

— Esparguete, cebolas, alho, tomate enlatado, queijo.

— Perfeito. — Ela continuou a andar.

Passado um pouco, ele perguntou:

— Não me vais contar a longa história?

— A história dos livros? Bom, não é assim tão longa nem tão interessante. É só um pouco triste.

— Continua.

— Eu andei num colégio interno em Canberra, como contei há bocado. Todos os anos, havia uma feira do livro famosa organizada por uma instituição chamada Lifeline, para onde as pessoas podem ligar quando estão deprimidas. Tinham livros em segunda mão magníficos. Canberra devia estar cheia de feministas que queriam esvaziar as prateleiras, ou talvez fossem os filhos a fazê-lo quando as velhas feministas morriam... Que coisa tão triste! Nunca me tinha ocorrido esta ideia. Primeiras edições em capa dura de Anita Brookner... Eu comprei a coleção dos livros da Claudine, de Colette, com umas capas fantásticas em tons pastel. Também andei na universidade em Canberra, e continuei sempre a ir à feira. Os livros vieram comigo do colégio para a casa partilhada. Depois, o meu namorado da altura arranjou emprego em Melbourne. Eu sempre gostei de Melbourne; mudei-me com ele. Os livros foram para nossa casa em Northcote, que é como se fosse mais ou menos Stoke Newington, calculo. Depois, quando nos separámos, tinha eu 26 anos, não fazia a mínima ideia do que fazer da vida. Sentia-me tão perdida e fora de mim, e acho que não queria que os livros me vissem assim. Encaixotei-os todos e mandei-os entregar em Darwin, onde vivia a minha mãe, e onde ainda vive. Ela guardou-os no quarto das visitas, que quase nunca usava. Eu mudei-me para Sydney e lá continuei a minha vida, a trabalhar e etcétera, mas sempre tive a ideia de que os livros eram o meu verdadeiro eu, e que havia de os ir buscar quando estivesse preparada. Estou a aborrecer-te?

— Pelo contrário. Estou a tirar os ovos. Isso é como a minha história do *Tigey* e do *Cuddles*, não é? O que aconteceu aos livros?

— Fica depois de Elrington Road?

— Algumas casas a seguir, do lado esquerdo. Porta vermelha.

— Quem me dera não ter começado a falar disto, mas pronto. A minha mãe precisou de uma operação complicada por causa do

cancro. Teve de ir fazê-la a Brisbane, e eu fui para lá de Sydney para a ajudar. Ela passou uma semana no hospital e mais uma semana internada numa clínica para fazer um monte de exames. Depois disso, tive de voltar ao trabalho, de maneira que o meu irmão, que estava a viver em Melbourne, levou-a outra vez para Darwin e mudou-se para o quarto dos hóspedes. — Ela ia observando cada um dos edifícios vitorianos, altos e cinzentos, por onde passava. — Acho que cheguei. Vou ficar aqui nos degraus, para não levar a minha história triste para tua casa.

— Leva à vontade. Está tanto frio. Pelo menos para o *hall*.

— Está bem. — O chaveiro dele era um mapa de França feito em cabedal. Ela abriu a fechadura de cima com uma chave fininha e a de baixo com uma chave grossa. Entrou no *hall* às escuras. — Já estou cá dentro. Então, pronto: eu estava ao telefone com o meu irmão, para saber como estava a nossa mãe, e lembrei-me de dizer: «Desculpa lá esses caixotes no quarto.» E ele disse...

Adam fez um grunhido.

— Quais caixotes?

— Exatamente. Não nos podemos zangar com alguém que tem cancro. De qualquer maneira, a culpa não foi da minha mãe. Eu esqueci-me da época das chuvas. Darwin é uma cidade tropical. Os caixotes ganharam bolor e não havia nada a fazer. Ela pediu à câmara que os fosse buscar e levar para a lixeira.

— Que crueldade — disse Adam, pasmado.

— Quando cá cheguei, comecei tudo outra vez, a noventa e nove *pence* cada livro nas lojas de caridade. Pronto, vou acender a luz. Deixa-me ligar-te daqui a bocadinho. Também quero dar uma espreitadela antes de fazer perguntas.

— Vou só acabar de comer os ovos.

— Boa!

— Boa!

— Tchau!

— Tchau!

Estava tudo pintado no mesmo tom branco genérico de construtor civil: as paredes, os rodapés, o soalho, as sancas e, ao fundo do corredor, as escadas. Havia duas bicicletas encostadas à parede arranhada: uma pasteleira azul de adulto e uma cor-de-rosa pequena para Zora. A sala ainda tinha a lareira original, com uma cornija de mármore cinzento-claro com veios pretos. Os nichos de ambos os lados estavam forrados do chão ao teto com prateleiras de contraplacado apoiadas em suportes industriais de metal. Uma das prateleiras do meio, de um lado, ostentava um gira-discos com um amplificador e colunas. As prateleiras abaixo estavam repletas de discos. As outras tinham uma montanha de livros, todos misturados.

Ottolenghi, Nigella, Nigel Slater. Vários com aspeto de serem leituras obrigatórias na universidade (os Penguin de lombada preta). Uma coletânea de romances em francês com as capas características beges. Montes de política e história, coisas britânicas do pós-guerra. Diários: Alastair Campbell, Alan Clark, Chris Mullin, Tony Benn. Memórias de políticos com títulos como *A Minha Vida* e *Uma Jornada* e *A Minha Vida, Os Nossos Tempos*. Níveis extremos de Barack Obama: os seus próprios livros e muitos outros acerca dele. O sofá de Adam era bastante parecido com o dela. No canto da sala havia um televisor grande em cima de um baú antigo, como a arca de um pirata. Debaixo da janela de sacada estava uma casa de plástico cor-de-rosa gigante. Lá dentro, pequenas bonecas despidas tomavam chá com animaizinhos da *Sylvanian Families*, também nus.

Através de umas portas duplas de madeira, chegava-se a outra pequena sala, com outra lareira. Não havia nada ali a não ser uma mesa de madeira enorme. Numa das pontas da mesa via-se um portátil aberto, o monitor desligado, e duas canecas, cada uma com dois dedos de café lá dentro. Na outra ponta, sobre uma faixa de papel pardo colada à mesa de pinho, havia uma série de desenhos de animais: leões cor de laranja, elefantes cinzentos, um gato preto. «ZoRa, ZoRa, ZoRa», tinha escrito a filha dele. Coralie gostou do arroubo daquele R maiúsculo aleatório. No cimo da

página, o Sol tinha uma cara sorridente. Ela cedeu ao fantasma de uma compulsão de infância e pôs as tampas nas canetas de feltro. Perguntou a si mesma o que estaria Adam a pensar acerca do seu silêncio prolongado, mas não se sentia capaz de vivenciar a casa e processá-la com ele ao mesmo tempo.

Antoinette, com 46 anos, vivia numa versão bastante maior daquele tipo de casa geminada vitoriana; o marido arquiteto, duas décadas mais velho, tinha trocado as paredes das traseiras por um cubo futurista de vidro. (Coralie não tinha visto a casa em pessoa; um dos primeiros resultados no Google para a sua chefe era uma visita guiada virtual na *Dezeen*.) A cozinha apertada de Adam, pelo contrário, não devia ser renovada há décadas. Tinha uns armários de pinho precários de ambos os lados, que deixavam espaço à justa ao fundo para uma pequena mesa e quatro cadeiras. Havia uma janela por cima da pia e umas portas de correr estreitas que davam para aquilo que ela presumiu ser o jardim. Espreitou lá para fora, mas não conseguiu ver grande coisa. No frigorífico, encontrou leite em garrafas de vidro, um saco de cenouras, um grande naco de *cheddar* embrulhado em película aderente, *ketchup* e molho inglês, meia garrafa de vinho branco de supermercado e uma falange de iogurtes *Petits Filous* violeta.

No andar de cima, no grande quarto da frente, que era claramente o de Adam, havia uma cama feita (com o edredão cinzento-escuro amarrotado), um roupeiro embutido de cada lado da lareira, uma mesinha de cabeceira com um candeeiro industrial e uma cadeira com dois pares de calças de ganga largas. O quarto ao lado não parecia cumprir nenhum propósito em especial: tinha três grandes caixotes de cartão lá dentro (empilhados, possivelmente vazios), um tapete de ioga enrolado e uma tábua de engomar. A casa de banho tinha de facto uma banheira, daquelas grandes com pés. Ao lado via-se uma caixa de plástico a abarrotar de barcos, patinhos, copos e um Ken com uma cauda de sereia de plástico, em vez de pernas.

Coralie galgou os degraus de madeira sem alcatifa até ao segundo andar, com a felicidade a crescer dentro dela. Quando

chegou ao último patamar, susteve a respiração. O grande quarto da frente era o único que não estava pintado de branco. Tinha um pequeno candeeiro de criança aceso, que projetava uma cena de estrelas e planetas a rodarem lentamente sobre as paredes azul-celeste. Em cima da cama havia uma rede de dossel às riscas vermelhas e brancas pendurada no teto, como a tenda de um circo. Junto a uma das janelas via-se uma caixa de brinquedos gigante de madeira cheia de lenços de seda, cachecóis de penas, um fato espacial, um disfarce de Homem-Aranha. As roupas espreitavam de dentro das gavetas abertas de duas cómodas idênticas de cada lado da lareira. Sobre a grelha sem sinais de uso havia uma coleção de bonecos de peluche aninhados uns nos outros. À frente deles, em cima de um tapete persa, estava um cesto de ovos da Páscoa coloridos. Tinham todos o papel de alumínio meio tirado, com uma pequena dentadinha de criança.

O telefone iluminou-se com uma chamada.

— Tens mesmo uma banheira!

— Encontraste alguma coisa esquisita? Ficaste imenso tempo sem dizer nada.

— Só encontrei coisas bonitas. Acabei de chegar ao quarto da Zora. Parece um sonho.

— Não posso ficar com os louros dessa parte; ela tem uma avó muito artística.

— A tua mãe?

— A companheira da minha mãe.

Coralie hesitou um instante.

— Oh, meu Deus! Desculpa! Parece a adivinha.

— A raposa, a galinha e a avozinha<sup>1</sup>...

— Um pai e um filho têm um acidente horrível que mata o pai. O filho é levado de ambulância para o hospital. A enfermeira entrega o bisturi ao cirurgião. «Parem! Não posso operar! Este rapaz é meu filho!», diz o cirurgião.

---

<sup>1</sup> Jogo de palavras entre *granny* (avozinha) e *sack of grain* (saco de milho ou cereais). [N. do T.]

— Ah, sim? O pai era gay? O miúdo tinha dois pais? Não! O cirurgião era uma mulher.

— Desculpa se demorei um bocado a perceber que era possível ter duas avós.

— Não te preocupes! A minha mãe também demorou anos.

— Mas onde é que fica o quarto de hóspedes? Existe mesmo?

— Deves estar mesmo ao lado dele.

Ela atravessou o *hall* até à última porta.

— Pois estava.

A cama de casal tinha um protetor de colchão limpo, duas almofadas de penas brancas e um edredão sem capa. Havia uma cómoda vazia, com outro candeeiro metálico em cima. Ela acendeu-o e pendurou o saco de pano num dos puxadores das gavetas.

— A roupa de cama está no armário junto à porta da casa de banho — disse Adam. — Também tens lá toalhas.

— Também podes mudar os lençóis da minha, se quiseres. Estão numa caixa de plástico feia debaixo da cama. Desculpa por a minha casa de banho não ter sequer janela.

— Eu é que peço desculpa por só ter nove livros escritos por mulheres.

— Espera, ficamos assim? Vais já para a cama?

— Liga-me depois de comeres qualquer coisa e tomares um bom banho — disse Adam. — Só vou dormir quando tu fores.

\*

Ela não fez massa. Descobriu um pacote de bolachas salgadas no armário ao lado do frigorífico e cortou algumas fatias de *cheddar*, que comeu com um copo de vinho. Depois, dirigiu-se outra vez à sala, à procura de um livro que pudesse ler na banheira. Entre o monte de livros sobre política estava o *Recollections of a Bleeding Heart*, de Don Watson, a biografia clássica do carismático primeiro-ministro australiano Paul Keating. Para dizer a verdade, ninguém sabia nada acerca do panorama político da Austrália

no Reino Unido, ou sequer acerca do país em si. Mas ali estava um grande calhamaço inteiramente dedicado ao sítio de onde ela tinha vindo, e com a lombada bastante partida do uso intensivo. O livro tinha dois papéis enfiados lá dentro, cartões de embarque de voos entre Sydney e Canberra em 2004; devia ser a tal viagem que ele tinha feito para escrever o perfil de Mark Latham. Ele teria 28 anos na altura. E ela, 21. Vivia numa casa partilhada com Josh e alguns colegas dele do tribunal, e andava no último ano do curso de Letras, ao mesmo tempo que trabalhava quatro dias por semana numa revista local. Adam tinha estado na mesma cidade que ela. Agora, do outro lado do mundo, sabe-se lá como, tinham-se encontrado — não uma, mas três vezes. Como é que podia ser tão fácil?

Sentiu uma onde de medo e googlou-o. A *Young Country* existia mesmo. O *podcast* também. Viu-o no *YouTube* a comentar afavelmente os títulos dos jornais num programa de análise política de fim de semana. O Adam do vídeo era indiscutivelmente o Adam do Dove. Correu até à mesinha de cabeceira e abriu a gaveta de cima. Quatro pequenos berlindes e um abafador rolaram até à frente e fizeram ricochete para trás. Abriu a gaveta de baixo. Continha um exemplar muito lido e gasto de *Meg and Mog*. Ele era mesmo quem dizia ser. Aquilo era real.

\*

Na cama, deitada nos lençóis lavados, às escuras, Coralie abriu o registo de chamadas e gravou o número dele: ADAM. Ele atendeu o telefone após alguns toques.

— Acabei de me deitar — disse ele. — Não me ias dizer nada acerca deste tipo que estava escondido atrás da almofada?

— O *Urso Castanho*? Achei que era um bocadinho mau, depois da história do *Tigey* e do *Cuddles*. Como se estivesse a pôr o dedo na ferida.

— Será uma cena de colégios internos? Bonecos de peluche?

— Ficámos a bater mal da cabeça.

— Estava aqui a espreitar *O Grupo*: encontrei-o ao lado da tua cama. «Considera-te beijada.» É assim que o mauzão do Harald acaba as cartas para a namorada.

— Mais tarde — disse Coralie num tom magoado —, ele interna-a num hospício.

— Porque é que o estás a ler se já o leste? É essa a minha pergunta.

— Nem *acredito* que tens a biografia do Don Watson sobre o Paul Keating. É um livro tão bom!

— É a melhor biografia política que já li. Tive de escrever uma vez acerca das Perguntas ao Primeiro-Ministro, acho que vocês lhe chamam Hora das Perguntas, e vi um vídeo incrível com o Paul Keating. O líder da oposição, o líder de seja lá que nome é que vocês dão aos conservadores... Lembra-me lá?

— Os liberais.

— O líder dos liberais diz assim: «Se está tão convencido de que as nossas políticas são más, porque é que não apresenta uma moção de censura?» E o Keating levanta-se e responde: «Porque, meu amigo...», começa ele a dizer. E está toda a gente a apupar e aos gritos; o presidente da Assembleia pede para se acalmarem. «Porque, porque, meu amigo...» E então o Keating diz finalmente...

— Porque o quê?

— «Porque, meu amigo...» — Adam estava a citar, mas estava a falar diretamente com ela. A voz dele atravessou as ondas até ao telefone dela e provocou-lhe um arrepio na espinha. «Porque prefiro queimá-lo em lume brando.»

— Mas e então, porque é que foste ao Dove hoje? Em vez dos outros três *pubs*?

— Acho que já posso dizer, agora que te meti na cama.

— Diz lá.

— Tinha esperança de te encontrar.

— E encontraste.

— Encontrei.

De manhã, ficaram só o tempo de beber um *latte* no Climpsons antes de atravessarem a rua para casa dela. Passaram o fim de semana grande da Páscoa juntos, tal como as semanas e meses a seguir, abrindo os respetivos corpos e almas para os voltarem a coser, ligados, como uma operação de separação de gémeos siameses, mas ao contrário.

A felicidade de Coralie fê-la desabrochar quase demasiado, e houve coisas que não eram Adam, mas partilhavam um pouco de ADN com ele, que acabaram por se impregnar dentro dela por engano, como as folhas de chá soltas no fundo de um bule, os empadões (que a sua antiga versão destratava como «aproveitamento de restos»), ouvir a Radio 4 e assistir ao *Channel 4 News* e ao *Newsnight*. O amor transbordava de tal maneira que — depois de vários meses sem causar a mínima impressão em ninguém —, passou a ser recebida no café junto ao trabalho e no Climpsons como uma cliente habitual muito simpática e querida.

— Gosto — disse-lhe a chefe uma vez.

— Ah, sim? — Coralie corou. — Gosta de quê?

— De seja lá o que for que fizeste. — Antoinette acenou elegantemente. — Com o teu... — com um sotaque francês — *visage*.

Londres não era pouco amistosa, afinal! Londres não era um lugar frio!

— Peço imensa desculpa de interromper. — Uma senhora idosa abordou-os do nada em Columbia Road. — Só queria dizer-vos que são muito bonitos. Os dois! Juntos!

Adam e Coralie sorriram, agradeceram-lhe, e aceitaram-no como sua missão.

\*

Os rascunhos do manuscrito dela ficaram debaixo do almofadão do sofá. Após umas semanas, transferiu-os para um saco do IKEA. Depois, guardou o saco debaixo da cama. Depois, esqueceu-se por completo da escrita.

**Um romance inesquecível sobre o amor,  
que equilibra a gentileza com a dureza,  
o público com o pessoal e o humor com o coração.**

Ao conhecer Adam, Coralie, recém-chegada a Londres vinda da Austrália, sente-se à deriva. Só que Adam é inteligente, espirituoso e (insiste ele) um centímetro mais alto do que a média para um homem britânico; além disso, o facto de ter uma encantadora filha de 4 anos, Zora, só o torna mais atraente.

Apesar de estarem juntos há dez anos, Coralie sente que existe alguma coisa de importante em falta na relação construída pelos dois. Ou talvez, tendo conquistado tudo aquilo com que sempre sonhou, Coralie tenha perdido algo que já foi seu: ela própria.

Situado numa década conturbada, a qual incluiu a telenovela de cinco primeiros-ministros, o Brexit e a pandemia de Covid-19, *Considera-te beijada* coloca os temas do amor e da família em primeiro plano, revelando como os dramas íntimos nos nossos lares competem por energia e atenção com os dramas públicos dos nossos tempos.



«Uma história de amor muito original: encantadora,  
calorosa, sincera e engraçada, mas com uma  
autenticidade verdadeiramente contundente.

Adorei cada momento e não queria que acabasse!»

**LIANE MORIARTY**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [topseller.suma](https://www.instagram.com/topseller.suma)

 [penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-583-722-9



9 789895 837229